

# Retenções quincentistas no crioulo indo-português de Diu

Hugo C. Cardoso  
Universidade de Macau, Macau

O crioulo indo-português de Diu teve a sua génese na primeira metade do séc. XVI, quando se efectivou a ocupação portuguesa da ilha. Do fundo linguístico a partir do qual se desenvolveu participaram o português (seu principal lexificador) - tanto o português metropolitano como variantes reestruturadas -, o guzerate e outras línguas sul-asiáticas e europeias. A descolonização, em dezembro de 1961, encerrou um período colonial de mais de quatro séculos durante o qual a língua portuguesa não deixou de estar activa em Diu (fosse no âmbito educativo, administrativo ou religioso). Assim, e dado o prestígio de que o português gozava entre a comunidade crioulofona, não surpreenderá que, em alguns domínios, o crioulo indo-português de Diu tenha acompanhado processos diacrónicos que alteraram o próprio português desde o séc. XVI. A continuada influência do português sobre o crioulo indo-português de Diu fica bem patente no seguinte comentário, escrito por um Diuense no início do séc. XX:

*“De resto, em rigor, é agora difícil, se não impossível, marcar a linha verdadeira a que se circumscrevia o antigo dialecto de Diu, vulgarmente conhecido por lingua norteira, tanto devido á escassez de material recolhido e classificado, como pelo progressivo aportuguezamento a que o mesmo dialecto se foi subordinando n'estes ultimos 20 annos. [...] e, em consequencia, o sucessivo desuso das formas glottologicas que eram a sua característica” (Quadros 1907:193)*

Neste contexto, torna-se relevante o facto de o crioulo de Diu actual exibir vários traços linguísticos exclusivos do português quincentista. Aqui, analisaremos alguns, dos domínios do léxico e da fonologia/fonética, e discutiremos as suas implicações teóricas e para a reconstituição da diacronia do português.

## 1. Introdução

### 1.1. O crioulo indo-português de Diu

Logo à entrada do século XVI, com o início da ocupação portuguesa da costa ocidental da Índia, o porto de Diu foi eleito como alvo preferencial, pelo seu valor estratégico à entrada do Golfo de Cambaia e pelo elevado volume comercial que tal localização potenciava. Após várias

tentativas de ocupação, o Vice-Rei D. Nuno da Cunha obteve em 1535 autorização para estabelecer uma presença portuguesa na ilha, ainda que de forma altamente constrangida. Após um período contencioso que se traduziu em dois cercos à fortaleza, os Portugueses ocuparam a totalidade da ilha a partir de 1554.

Diu manteve-se sob domínio português até 1961, e neste longo período de mais de 4 séculos convergiram no território várias línguas cujo contacto veio a dar origem ao crioulo indo-português de Diu [doravante abreviado para “crioulo de Diu”]. Ainda que os seus antepassados fundamentais tenham sido o português (enquanto língua dos dominadores coloniais) e o guzerate (enquanto língua autóctone da região), a história cosmopolita da região ditou um leque mais vasto de influências linguísticas, como se verá na secção 2. No presente, o crioulo é a língua materna de cerca de 180 pessoas em Diu, as quais compõem a vasta maioria da comunidade católica do território (para informação mais detalhada, v. Cardoso 2009).

É legítimo esperar, à imagem do que aconteceu um pouco por toda a costa da Índia, que o crioulo indo-português de Diu se tenha formado logo no início da ocupação portuguesa, na primeira metade do séc. XVI, e que o seu desenvolvimento se tenha desenrolado em contacto estreito com os restantes crioulos de base lexical portuguesa da Índia, primeiramente, e do resto da Ásia.<sup>1</sup> Neste artigo, iremos explorar até que ponto o crioulo de Diu actual retém traços típicos do português quinhentista (o que demonstra a cronologia proposta) que entretanto caíram em desuso no português europeu ou se circunscreveram a variantes dialectais (o que demonstra os limites do papel normativo do português após a criação do crioulo).

### 1.2. O papel do português

A propósito da diacronia do crioulo de Diu, é importante compreender que as duas línguas mais influentes na sua formação (o guzerate e o português) têm feito parte da ecologia linguística da ilha até aos nossos dias. De acordo com várias descrições seiscentistas da colónia, Diu assistiu a um rápido declínio comercial a partir do séc. XVII, motivado pela concorrência de outros portos (em particular Surrate, que estava sob domínio inglês) e por má gestão local repetidamente denunciada (Cardoso 2009: 42-46). A partir de então, a presença colonial terá sido limitada, mas a língua portuguesa nunca deixou de desempenhar um papel activo no território, em particular entre a comunidade católica. Até muito recentemente, os serviços religiosos eram exclusivamente conduzidos em português, ainda que nos últimos anos se tenha iniciado a liturgia em inglês. Para além disso, até 1961 havia na ilha educação primária em português, a par do ensino em guzerate, e a administração pública processava-se em grande medida em português (contando com a presença de Portugueses mas também de Diuenses, Damanenses e Goeses fluentes nessa língua). Como tal, não surpreende que vários falantes nativos do crioulo

<sup>1</sup> Sebastião Dalgado forja, a este propósito, o conceito de “recíproca transfusão parcial” (v. Dalgado 1917), segundo o qual os diversos crioulos da Ásia terão exercido influências mútuas. O conceito é explorado, mais recentemente, em vários artigos do vol. 8.2 (2009) de *Journal of Portuguese Linguistics*.

indo-português de Diu, em especial os de idade mais avançada, sejam também falantes de português, com graus variados de fluência.

Um importante canal de transmissão do português prende-se com movimentos migratórios, primeiramente para África (principalmente Moçambique) e, mais recentemente, para Portugal. Actualmente, residem em Diu várias famílias que passaram um período nalgum destes países, e muitos Diuenses que permanecem emigrados em Moçambique ou Portugal visitam Diu com regularidade (v. Lourenço 2005). É ainda conveniente recordar que, até hoje, subsiste um número significativo de falantes de português em Goa, outro território que atrai vários Diuenses em busca de formação avançada ou emprego. Recentemente, passou também a ser transmitido em Diu um canal televisivo português. Apesar da descolonização efectiva do território, como se vê, os laços com territórios de língua portuguesa não foram totalmente extintos, e por estas vias o português continua presente em Diu.

Ao longo da sua história, o crioulo de Diu esteve, portanto, exposto não apenas ao guzerate e outras línguas sul-asiáticas mas também ao português, e este último sempre operou em domínios que lhe conferiam grande prestígio. Assim, não é de estranhar que, à imagem do que acontece noutras sociedades crioulofónicas, a língua metropolitana tenha sido reconhecida como modelo normativo apesar da sua limitada circulação local. Podemos supor que, sob estas díspares influências, o crioulo se tenha modificado ao ponto de o seu estado presente ser já bastante diferente do inicial. No que diz respeito à influência do português, trata-se de mais do que uma suposição; Jerónimo Quadros, um residente local, afirma no início do século XX que

*“De resto, em rigor, é agora difícil, se não impossível, marcar a linha verdadeira a que se circunscrevia o antigo dialecto de Diu, vulgarmente conhecido por lingua norteira, tanto devido á escassez de material recolhido e classificado, como pelo progressivo aporuguezamento a que o mesmo dialecto se foi subordinando n’estes ultimos 20 annos. [...] e, em consequencia, o sucessivo desuso das formas glottologicas que eram a sua caracteristica” (Quadros 1907: 193)*

Encontramos exemplos de processos diacrónicos que afectaram o português após o século XVI e encontram eco no crioulo de Diu actual. Porém, mais interessante ainda do ponto de vista teórico, veremos que a circunstância socio-histórica de continuado contacto com a principal língua lexicadora não foi capaz de erradicar certos aspectos linguísticos fundamentais do crioulo de Diu que têm o seu modelo num estado anterior do português.

## 2. Léxico

A principal língua lexicadora do crioulo de Diu é, sem qualquer dúvida, o português. É significativo que a quase totalidade dos lexemas básicos, se nos basearmos por exemplo na lista proposta em Comrie & Smith (1977), bem como os seus itens funcionais tenham étimos portugueses.

No entanto, apesar do claro domínio das formas derivadas do português, é conveniente clarificar que o léxico do crioulo de Diu bebeu também de outras fontes. Uma vez que todos os falantes nativos do crioulo são altamente fluentes em guzerate, pode levantar-se a questão de saber se a frequente ocorrência de palavras guzerates configura um caso de empréstimo lexical ou alternância de códigos. A situação não ficará resolvida aqui, mas não deixa de ser significativo que tais palavras sejam admitidas até numa estrutura produtiva de verbalização a que na literatura sobre línguas sul-asiáticas se chama *conjunct verb* (Cardona 1965; Cardona & Suthar 2003) e que, no crioulo de Diu, consiste em associar um item lexical não-verbal a uma forma do verbo *faze* "fazer" (v. Cardoso 2009: 161,162). Atenemos nos seguintes exemplos:

- (1) a. *yo fez lĩp kaz.*  
 1s fazer.PRET limpo casa  
 "Eu limpei a casa."  
 b. *to faz-e pefi.*  
 AUX.NPRET fazer-INF esmagado  
 "Está a esmagá(-lo)."

Em (1a) figura um item não-verbal de origem portuguesa, ao passo que em (1b) ocorre uma palavra de origem guzerate (derivada de *pefi* "esmagável").

A provar que a língua inglesa também tem, recentemente, contribuído vários lexemas, veja-se mais um exemplo de um *conjunct verb* extremamente frequente no crioulo de Diu:

- (2) *nxs kwon fez fon (a elz), elz ain*  
 1p quando fazer.PRET telefone DAT 3p 3p ainda  
*t-ij durmid.*  
 AUX-PRET adormecido  
 "Quando nós (lhes) telefonámos, eles ainda estavam a dormir."

Várias palavras inglesas tornaram-se correntes no crioulo de Diu. No que se refere a nomes de animais, por exemplo, lexemas frequentes incluem *lion* "leão", *crocodile* "crocodilo", *tortoise* "tartaruga", ou ainda *crow* em competição com *gray* "gralha".

Ainda no mesmo campo semântico, podemos entrever um outro estrato etimológico – porventura mais antigo do que o inglês – proveniente do concanim, a língua autóctone de Goa. Os seguintes exemplos têm cognatos em concanim:

- *bumli*, um tipo de peixe [do concanim *bombil* ou *bomble*]
- *chani* "esquilo" [do concanim *chani(m)* "esquilo"]
- *chichūdri* "rato" [do concanim *chichāndor* "rato"]
- *gādil* "vespa/abelha" [do concanim *ganzil* "abelha"]

Estes estratos etimológicos são interessantes por demonstrarem a multiplicidade de influências linguísticas a que o crioulo de Diu esteve sujeito ao longo da sua história. Neste caso, percebe-se a crescente importância do inglês entre a comunidade católica (sobretudo em virtude de ser esta a língua veicular na escola católica local) e revela-se a ligação histórica de Diu a Goa.

### 2.1. Arcaísmos

O crioulo de Diu retém no seu léxico activo um número significativo de arcaísmos portugueses, palavras correntes no período do português clássico<sup>2</sup> que caíram em desuso no português europeu moderno. Incluem-se nesta categoria as seguintes palavras:

- *adiv* "raposa, chagal" [do português clássico *adive* ou *adibe*]
- *alpak* "sandália, chinelo" [do português clássico *alparca*]
- *aroma* "bater" [do português clássico *arrimar*]
- *chumas* "almofada" [do português clássico *chumaço*]
- *kavok* "caverna, buraco" [do português clássico *cavouco*]
- *patrater* "fala-barato" [do português clássico *patarateiro*]
- *mufin* "triste" [do português clássico *mufino*]
- *sūbrer* "chapéu de chuva/sol" [do português clássico *sombreiro*]

Uma diferença semântica entre o português clássico (bem como o português dialectal contemporâneo) e o português europeu moderno diz respeito aos nomes das refeições diárias. No século XVI, o *almoço* era a refeição da manhã, o *jantar* a refeição a meio do dia e a *ceia* a da noite. A seu tempo, com a mudança de hábitos, o termo *pequeno-almoço* foi introduzido no léxico, ao passo que *almoço*, *jantar* e *ceia* ganharam o valor semântico que agora lhes conhecemos. No crioulo de Diu, as palavras derivadas destes étimos preservam um sentido semelhante ao quinhentista: *almos* "pequeno-almoço", *jātar* "almoço" e *sey* "jantar".

Os exemplos aqui apresentados não esgotarão certamente os casos de retenções lexicais e semânticas dos étimos quinhentistas no crioulo de Diu actual. Servem, contudo, para ilustrar como este crioulo, apesar da sua contínua interacção com o português europeu, preserva traços que se reportam ao período da sua formação. Na próxima secção, iremos debruçar-nos sobre retenções semelhantes nos domínios da fonologia e realização fonética.

### 3. Fonologia e fonética

A fim de avaliarmos o contributo de qualquer idioma para a formação de uma língua de contacto, deveríamos conhecer em detalhe não apenas os estados presentes de todas mas também os seus estados passados; no que diz respeito à fonologia e características fonéticas do crioulo de Diu, seria portanto conveniente ter em linha de conta a realidade precisa das línguas que convergiram em

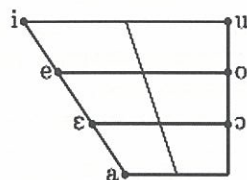
<sup>2</sup> A periodização da história da língua portuguesa e denominação dos períodos não são coincidentes nos escritos de todos os autores, mas é comum fazer corresponder à edição da *Grammatica da lingua portuguesa*, de Fernão de Oliveira (1536) um momento de transição. A designação *português clássico* corresponde ao período entre 1536 e o séc. XVIII nas propostas de autores como Lindley Cintra, Ivo Castro ou Pilar Vasquez Cuesta.

Diu no século XVI, mas este tipo de conhecimento advém normalmente de fontes escritas e, como tal, restringe-se provavelmente a variantes padrão ou prestigiantes. A reconstituição fonológica do português quinhentista tem sido alvo de bastante investigação, mas o mesmo não se pode dizer do guzerate nem do crioulo de Diu (neste último caso, por ausência absoluta de fontes). Ainda assim, podemos com alguma certeza identificar áreas nas quais a fonologia e fonética do crioulo de Diu actual retêm elementos exclusivos de estados passados do português. Na presente secção, analisaremos, deste ponto de vista, o sistema vocálico (em 3.1.) e as consoantes sibilantes (em 3.2.).

### 3.1. O sistema vocálico

À entrada do período clássico, na primeira metade do século XVI, o sistema vocálico oral em posição tónica do português tinha a seguinte configuração:

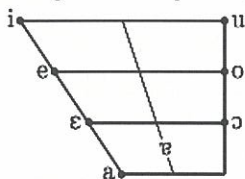
Figura 1. Português clássico: vogais orais tónicas



A figura 1 representa apenas os segmentos com valor fonológico. Na realidade, de acordo com autores como Silva (1991) e Castro (1991), e como explicitado nas gramáticas quinhentistas de Fernão de Oliveira (1536) e Duarte Nunes de Leão (1576), o segmento [ɛ] ocorreria nesta posição como alofone de /a/, mas apenas em posição anterior a uma nasal heterossilábica.

Em posição pre-tónica,<sup>3</sup> ocorrem os seguintes fonemas:

Figura 2. Português clássico: vogais orais pré-tónicas



A respeito das vogais átonas, é necessário ressaltar dois aspectos importantes:

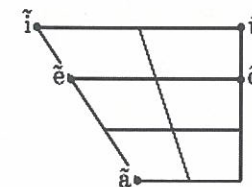
- do ponto de vista da realização fonética, /e/ podia elevar-se para [i] e /o/ para [u], em contextos de harmonização vocálica com a vogal tónica;
- as vogais abertas /ɛ/, /a/ e /ɔ/ sobreviviam (tal como no português moderno) apenas nas palavras em que surgiram da resolução de hiatos por crase (ex. paadeiro – p[a]deiro).

<sup>3</sup> A posição pós-tónica não é relevante para o estudo em questão, uma vez que qualquer sílaba pós-tónica nos étimos portugueses não foi retida no crioulo indo-português de Diu.

Revela-se já, portanto, uma tendência para a elevação das vogais pré-tónicas, e percebe-se que a distribuição (e, presumivelmente, a frequência) das vogais baixas era limitada.

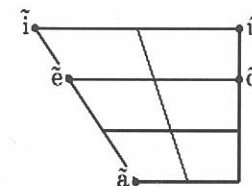
O inventário vocálico nasal era mais reduzido, como se pode ver na figura 3 (adaptada de Teyssier 2001):<sup>4</sup>

Figura 3. português clássico: vogais nasais



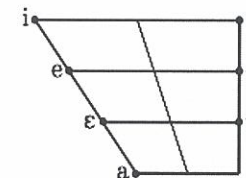
Tendo isto em conta, observemos agora o sistema vocálico do crioulo de Diu actual. No que diz respeito às vogais nasais, não há diferença em relação ao português.

Figura 4. crioulo indo-português de Diu: vogais nasais



Atente-se agora na distribuição das vogais orais em posição tónica, na Fig. 5:

Figura 5. crioulo indo-português de Diu: vogais orais tónicas

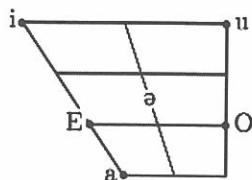


O sistema é em tudo idêntico ao do português clássico, com a excepção de que o segmento [ɛ] não ocorre no crioulo como alofone de /a/.

<sup>4</sup> As fontes escritas não são conclusivas quanto à realização fonética dos diversos fonemas. Não se sabe, por exemplo, se a pronúncia de /ã/ seria [ã] ou [ɛ̃]. Porém, é provável que tenha tido uma realização baixa, uma vez que é assim que persiste em vários crioulos de base lexical portuguesa e ainda nalguns dos dialectos mais conservadores no norte de Portugal (v. Mateus 2000).

A Figura 6 sistematiza o sistema vocálico em posição átona:

Figura 6. Crioulo indo-português de Diu: vogais orais pré-tónicas



Notamos aqui algumas diferenças que, no entanto, poderão em parte ser explicadas a partir da realidade fonética do português quinhentista. Por um lado, a oposição entre vogais médias altas e baixas é cancelada, sendo que os fonemas representados por /E/ e /O/ podem ser realizados nas suas variantes altas ou baixas. Recordemos que, em português, a distribuição de /e/ e /ɔ/ em posição pré-tónica era já limitada.

No crioulo de Diu, tal como sucedia no português clássico, a presença de uma vogal alta na sílaba tónica pode motivar a elevação da vogal átona,<sup>5</sup> ex.:

- /bonit/ “bonito, bom”: [bun’it] / [bo’nit] / [bɔ’nit]
- /tɔmo/ “tomou”: [tu’mo] / [to’mo] / [tɔ’mo]

Também neste contexto [ɐ] não figura como alofone de /a/.<sup>6</sup> A omissão de /v/ do sistema fonológico poderá ficar a dever-se ao facto de este segmento não ocorrer no guzerate.

A presença de /ɔ/, ao contrário do que poderíamos supor, deve ficar a dever-se fundamentalmente a um padrão de redução fonética herdado do guzerate. O segmento ocorre sobretudo em sílabas médias de trissílabos (ex. /pursə’sāw/ “procição”; /kurə’sāw/ “coração”), mas também em certos elementos gramaticais átonos (ex. /pɔ/ “[DAT]”; /nɔ/ “[LOC]”). A sua distribuição não é, todavia, a que conhecemos do português europeu actual, o que introduz a questão fundamental desta secção.

O português europeu actual caracteriza-se pela elevação/centralização global das vogais médias e baixa átonas (de /ɔ/, /o/ para /u/; de /a/ para /e/; de /ɛ/, /e/ para /ə/) independente do processo de harmonização vocálica, mas esta apenas se generalizou na primeira metade do século XVIII (v. Castro 1991: 259). O crioulo de Diu não acompanhou este processo diacrónico; como tal, ao português moderno *pegar* [pə’gar] contrapõe-se em crioulo *pega* [pɛ’ga]; ao português moderno *mostrar* [muʃ’tɾa] corresponde em crioulo *mɔstra* [mɔs’tɾa]. Coerentemente, a elevação de [ã] para [ɛ] generalizada no português padrão (independentemente da tonicidade) também não tem reflexo no crioulo de Diu, no qual /ã/ preserva uma realização baixa: *irmã* [ir’mã].

<sup>5</sup> A opção ortográfica por uma ou outra baseia-se, por isso, na percepção da realização mais frequente.

<sup>6</sup> Ocorre, contudo, como alofone de /ɔ/.

### 3.2. Consoantes sibilantes

No início do século XVI, o sistema das sibilantes do português era mais complexo do que o actual. A partir da leitura dos gramáticos da época, percebemos que duas africadas medievais /ts/ e /dz/ se tinham já transformado em /s/ e /z/ respectivamente. Era corrente no português quinhentista (como aliás nos actuais dialectos do nordeste de Portugal) uma oposição entre os segmentos predorsodontais /s/ e /z/ e as fricativas ápico-alveolares /ʃ/ e /ʒ/ (v. Cunha & Cintra 1984). A completar o sub-sistema, persistiam ainda as africadas /tʃ/ e /dʒ/ e a fricativa /j/, como nos seguintes exemplos:

- /tʃ/: ex. <ch> em *achar*;
- /dʒ/: ex. <j> em *joelbo*;
- /j/: ex. <x> em *mexer*.

O crioulo de Diu, à semelhança da norma-padrão do português europeu moderno, neutralizou a oposição entre as fricativas predorsodontais e ápico-alveolares. Contudo, os restantes fonemas sibilantes são em tudo semelhantes aos do português clássico: do seu inventário fonológico fazem parte as africadas /tʃ/ e /dʒ/ e a fricativa /j/. Na realidade, [ʃ] e [ʒ] ocorrem como alofones de /tʃ/ e /dʒ/ respectivamente, quer em posição inicial ou final de sílaba, e particularmente nesta última. Porém, é importante notar que certas ocorrências de [ʃ] não admitem este tipo de variação e, como tal, correspondem a um fonema distinto /ʃ/:

- /tʃ/: ex. *chuv* [tʃuʋ] ou [ʃuʋ], “chuva”;
- /dʒ/: ex. *jũt* [dʒũt] ou [ʒũt], “junto”;
- /j/: ex. *dixa* [di’ja] “deixar”.

A preferência dos alofones simples em posição final de sílaba não revela necessariamente influência directa do processo diacrónico que suprimiu as africadas em português. Fica a dever-se, isso sim, a: a) uma tendência geral do crioulo de Diu para reduzir segmentos finais (que se manifesta também em perda de sonoridade e, no caso das oclusivas, não-resolução da oclusão); e b) um princípio fonético universal conhecido como *Sonority Sequence Principle* (v. Selkirk 1984, Roca and Johnson 1999) segundo o qual o perfil sonoro de uma sílaba deve crescer até ao seu pico vocálico e decrescer a partir daí (o que desfavorece sequências de oclusiva + fricativa em posição final).

Um outro processo diacrónico que se desenrolou no português após o século XVI foi o que ditou a palatalização de /s/ e /z/ em posição implosiva (ex. *desces* [’dɛs.ɔʃ]; *giz* [ʒi]). No crioulo de Diu, /z/ resiste sempre a este tipo de palatalização, ao passo que a realização de /s/ em posição implosiva apresenta variação:

- *kaz* [kaz]<sup>7</sup> “casa”;
- *kastɛl* [kas’tɛl] ou [kaʃtɛl] “fortaleza”;
- *iskɔl* [is’kɔl] vs. [iʃ’kɔl] “escola”.

<sup>7</sup> Ou [kas], devido ao princípio de perda de sonoridade anteriormente mencionado.

Este é um caso de variação governada por percepções sociolinguísticas de prestígio: a palatalização, que ocorre erráticamente no discurso de alguns falantes mais familiarizados com o português, é accionada como instrumento de aproximação à norma. Apesar disso, a palatalização de /s/ é bastante menos frequente do que a não-palatalização.

#### 4. Discussão

Os dados discutidos neste artigo contribuem, desde logo, para o avanço do nosso conhecimento sobre a diacronia da mudança linguística do português, já que estabelecem um *terminus post quem* concreto para a operação de certos processos. É esse o caso, por exemplo, da transformação de [dʒ] em [ʒ]. Teyssier (2001:27) clarifica que o fonema correspondente teve originalmente uma realização africada que se alterou para uma fricativa simples, mas admite não se ter a certeza se a mudança ocorreu no período do português antigo (anterior ao séc. XVI) ou posteriormente. A presença de [dʒ] no crioulo de Diu, bem como noutros crioulos de base portuguesa e empréstimos portugueses em certas línguas asiáticas, vêm agora sugerir que a realização africada do fonema deveria ter sido dominante pelo menos até 1535. Do mesmo modo, assim se demonstra que o processo de fusão de /tʃ/ e /ʃ/, a palatalização de sibilantes em posição implosiva e a elevação/centralização globalizada de vogais médias átonas são posteriores a 1535, ou só se generalizaram a partir dessa altura.

Para além destas pistas para a reconstituição histórica do português, os dados aqui discutidos também têm implicações para a teorização do contacto linguístico. É notório que a influência do português sobre o desenvolvimento do crioulo de Diu (i.e., após o seu período formativo) foi limitada. Certos sistemas cristalizaram num momento inicial da formação do crioulo e o *input* posterior da principal língua lexicadora não o conseguiu desalojar, como vimos quanto aos lexemas estudados, à realização não centralizada das vogais átonas ou à retenção das africadas. Naturalmente, devemos ter em consideração outros elementos da ecologia linguística, tais como os modelos igualmente influentes fornecidos pelo guzerate. No caso das africadas, podemos propôr que a sua manutenção tenha sido reforçado pelo facto de se tratar de segmentos presentes e frequentes no guzerate. O que é particularmente notável neste caso é que, à semelhança do português clássico, se preserve no crioulo o fonema /ʃ/ com uma oposição fonética ténue com /tʃ/, e ainda que esta relação entre uma africada e uma fricativa homorgânica seja assimétrica, aplicando-se apenas aos segmentos sonoros (i.e., não existe oposição fonológica entre /dʒ/ e \*/ʒ/).

Noutros casos, como no que diz respeito à palatalização de sibilantes em posição implosiva, observa-se que a inovação colheu praticantes entre os falantes do crioulo de Diu (porventura por ser uma característica icónica do português europeu moderno) sem, no entanto, desalojar nem suplantam a original pronúncia não-palatalizada. O que se demonstra com este exemplo é que o sistema fonológico e fonética do crioulo de Diu resistiram a certas inovações do português, não porque elas não fossem conhecidas ou correntes no território, mas devido à robustez do sistema anterior.

Este ponto traz à memória uma proposta teórica articulada por Mufwene (1996, 2001), segundo a qual a "população fundadora" de determinada comunidade linguística seria determinante para a configuração de uma língua de contacto. Os exemplos estudados sugerem que as características linguísticas seleccionadas durante o período formativo do crioulo são até certo ponto resistentes a mudanças sugeridas por línguas terceiras, o que condiz com a proposta de Mufwene, mas devemos admitir a possibilidade de o resultado ter sido diferente no caso de a circulação do português em Diu (no ensino, por exemplo, ou em termos de número de falantes nativos residentes) ter sido mais robusta.

#### Lista de abreviaturas

1 – primeira pessoa	NPRET – não-pretérito
3 – terceira pessoa	p – plural
AUX – auxiliar verbal	PRET – pretérito
DAT – dativo	s – singular
INF – infinitivo	

#### Referências

- Cardona, George. 1965. *A gujarati reference grammar*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Cardona, George & Babu Suthar. 2003. Gujarati. In *The indo-aryan languages*, eds. George Cardona & Dhanesh Jain, 659–697. New York: Routledge.
- Cardoso, Hugo C. 2009. *The indo-portuguese language of Diu*. Utrecht: LOT.
- Castro, Ivo. 1991. *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Comrie, Bernard & Norval Smith. 1977. Lingua descriptive studies: questionnaire. *Lingua* 42:1-72.
- Cunha, Celso & L. F. Lindley Cintra. 1984. *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Dalgado, Sebastião Rodolfo. 1917. Dialecto indo-português de negapatão. *Revista Lusitana* 20:40-53.
- Leão, Duarte Nunes de. 1576. *Orthographia da lingua portuguesa*.
- Lourenço, Inês. 2005. Diu: espaço de reencontro. *Revista Oriente* 56-70.
- Mateus, Maria Helena Mira & Ernesto d'Andrade. 2000. *The phonology of portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Mufwene, Salikoko S. 1996. The founder principle in creole genesis. *Diachronica* 13:83-134.
- Mufwene, Salikoko S. 2001. *The ecology of language evolution*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Oliveira, Fernão de. 1536. *Grammatica da lingoagem portuguesa*.
- Quadros, Jeronymo. 1907. *Cartas de Diu*. primeira série (1902-1905). Nova Goa: Tipographia Fontainhas.
- Roca, Iggy & Wyn Johnson. 1999. *A course in phonology*. Malden, MA: Blackwell.
- Selkirk, Elisabeth. 1984. On the major class features and syllable theory. In *Language sound structure*, eds. Mark Aronoff & Richard T. Oehrlé, 107-136. Cambridge, MA: MIT Press.
- Silva, Rosa Virgínia Mattos e. 1991. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto.
- Teyssier, Paul. 2001. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 8.ª ed.